

Gisella Maria da Luz

AGRICULTURA ORGÂNICA EM CIRCUITO DE PROXIMIDADE:

o caso do grupo de produtores Flor do Fruto (Biguaçu – SC)

Florianópolis - SC

2018



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Geografia

Gisella Maria da Luz

AGRICULTURA ORGÂNICA EM CIRCUITO DE PROXIMIDADE:

o caso do grupo de produtores Flor do Fruto (Biguaçu – SC)

Trabalho Conclusão do Curso de
Graduação em Geografia o Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do
Título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Clécio Azevedo
da Silva

Florianópolis - SC
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor.

Orientações em:

<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

Gisella Maria da Luz

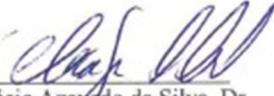
AGRICULTURA ORGÂNICA EM CIRCUITO DE PROXIMIDADE:
o caso do grupo de produtores Flor do Fruto (Biguaçu – SC)

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção
do Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Programa
de Graduação em Geografia.
Florianópolis, 30 de outubro de 2018.



Prof. José Messias Bastos,
Dt.Coordenador do Curso

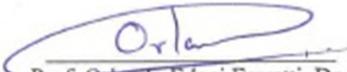
Banca Examinadora:



Prof. Clécio Azevedo da Silva, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Nazareno José de Campos, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Orlando Ednei Ferretti, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus
colegas , os familiares e ao grupo
estudado.

AGRADECIMENTOS

Aos agentes do Grupo Flor do Fruto que colaboraram com a pesquisa em respostas diretas ou permitindo o convívio em algumas de suas atividades, sendo estas em sua propriedade ou no convívio nas vendas em feiras.

Ao meus padrinhos , Paulo Ferreira e Maria Bernardete Cordeiro Ferreira, que me acolheram e educaram e fizeram de seus familiares os meus também. Obrigado pelo cuidado e dedicação por tantos anos!

A minha irmã, Soraya Jeanine Ferreira Pereira que sempre foi muito carinhosa com esta caçula intrusa em sua família. Obrigado pelo carinho verdadeiro que me mostrou, este cultivo hoje por você e a bela família que formou. Sou grata e orgulhosa por esta irmã que a vida me deu!

A minha mãe, Inês Maria da Luz que soube priorizar o meu bem estar mesmos que isso lhe custasse o nosso afastamento. Grata pela sua abdição!

Aos amigos e familiares que me ouviam e nunca desistiam dos meus sonhos quando eu mesma já duvidava. Devo muito a vocês!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Clécio Azevedo da Silva que perseverou comigo neste trabalho desde o início. Grata pela paciência!

Obrigado a Deus por ter me capacitado a relizar este sonho!

*“Todas as teorias são legítimas e nenhuma tem importância.
O que importa é o que se faz com elas”
Jorge Luiz Borges*

RESUMO

O Estudo de caso corresponde ao contato de cinco anos com um grupo, que obteve a certificação conforme os ideais da Rede Ecovida, na forma participativa. Durante todos os anos houve interação com alguns membros mais atuantes na venda direta (feiras). Houve desistência de alguns membros por divergências com o escoamento total da produção e inserção de novos integrantes. Todo o processo de observação teve como base alguns conceitos que eram repetidos sem muita consciência da sua correspondência inclusive pelos agentes como: Agroecológico e Orgânico. Dentro de um ideal crescente internacional de produção com redução de toxinas derivadas dos aditivos químicos, utilizados normalmente na agricultura em larga escala que busca a quantidade e aspectos que agradem o consumidor, itens que nem sempre o produtor de orgânicos conseguem alcançar. Tendo em vista que muitos membros apresentaram um afastamento das atividades rurais é feita uma revisão histórica das condições relacionadas as formas de produção e a inserção do atual busca internacional de produção. Além de cumprir os pré requisitos da certificadora como as barreiras ecológicas nas divisas da propriedade, os cuidados com a contaminação das águas e o uso apenas de elementos fitossanitários para o controle de alguma praga, elementos estes bastante restritos. Para a comercialização em supermercados o meio mais comum corresponde a entrega da produção a uma agroindústria que beneficiará o produto e embalará para evitar a contaminação, elementos que correspondem as exigências de segurança. Na venda direta o maior problema entre os agricultores é o desprendimento de mais de um integrante no dia de venda e o tempo destinado a organização e limpeza dos produtos a serem comercializados. Principalmente se o agente não possui variedade de produtos para ofertar ou sua produção é pequena não tendo como ganhar pela quantidade. Com visitas aos locais de produção e comercialização pôde-se fazer um mapeamento deste fluxo das produções até os consumidores.

Palavras-chave: Agricultura orgânica. Agricultura familiar. Circuito de proximidade.

ABSTRACT

The case study corresponds to the five-year contact with a group, which obtained certification according to the ideals of the Ecovida Network, in a participative way. During all the years there was interaction with some more active members in the direct sale (fairs). There were withdrawals from some members due to disagreements with the total outflow of production and insertion of new members. The whole process of observation was based on some concepts that were repeated without much awareness of their correspondence including agents such as: Agroecological and Organic. Within a growing international ideal of production with reduction of toxins derived from chemical additives, normally used in large scale agriculture that seeks the quantity and aspects that please the consumer, items that not always the organic producer can achieve. Considering that many members presented a departure from rural activities, a historical revision of the conditions related to the forms of production and the insertion of the current international search for production is made. In addition to complying with the prerequisites of the certifier such as the ecological barriers in the property currencies, the care with the contamination of the waters and the use only of phytosanitary elements to control some pest, elements are very restricted. For the commercialization in supermarkets the most common means corresponds to the delivery of the production to an agroindustry that will benefit the product and pack to avoid contamination, elements that correspond to the safety requirements. In direct selling the biggest problem among farmers is the detachment of more than one member on the day of sale and the time spent organizing and cleaning the products to be marketed. Mainly if the agent does not have variety of products to offer or its production is small not having how to gain by the quantity. With visits to the places of production and commercialization one can do a mapping of this flow of the productions to the consumers.

Key words: Organic agriculture. Family farming. Proximity circuit.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização	19
Figura 2 - Evolução da paisagem na microbacia de São Mateus, Biguaçu/SC.	27
Figura 3 e 4 - Reunião Mensal do Grupo Flor do Fruto	44
Figura 5, 6 e 7 -Tradição com Carros de boi	46
Figura 8 e 9 - Seleção de sementes verde da palmeira juçara	47
Figura 10 - Visita ao Bananal na propriedade do agente X	48
Figuras 11 e 12 - Feira de Orgânicos no Centro de Florianópolis /SC	50
Figuras 13 e 14 - Feira de Orgânicos no Centro de Ciências Agrárias da UFSC	50
Figura 15 - Feira de Orgânicos.	51
Figura 16,17 e 18 - Visita aos produtores a Propriedade da família X.	51
Figura 19,20 e 21 - Propriedade arrendada pelos agentes E	52
Figura 22, 23,24,25,26 e 27 - Propriedade da família Y	53
Figura 28,29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35- Propriedade Agroindústria Extrato da Natureza Ind.Com. de Alimentos LTDA e cultivos do agente F.	54.
Figura 36,37 e 38 - Fotos do espaço de envase,despolpa e acondicionamento	56
Figura 39 - Mapas de Fluxo da Produção	58
Figura 40 - Mapa de locais de venda da produção orgânica	59
Figura 41 – Feira da produção de orgânicos em frente ao terminal	60
Figura 42 e 43 – Banca dos agentes na feira do Centro	61

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Identificação e localização dos agentes do grupo Flor do Fruto 18

QUADRO 2 – MODELOS DE AGRICULTURA ORGÂNICA (AO) E AGROECOLOGIA (AE) 35

QUADRO 3 – Tabela de pontos de comercialização já abordados pelo grupo Flor do Fruto 59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FIESC- Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina

SNCR- Sistema Nacional de Crédito Rural

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva

ONU - Organização das Nações Unidas

FAO – Órgão das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação

OMS - Organização Mundial de Saúde

FUNDAGRO – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável

BIOCERT – Certificadora internacional de produtos agropecuários e animais

AO – Agricultura Orgânica

AE - Agroecologia

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária.

FATMA – Fundação do Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina

CEASA – Centrais de Abastecimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 OBJETIVOS	16
1.1.1 Objetivo Geral	16
1.1.2 Objetivos Específicos	16
1.2 METODOLOGIA	16
2 DESENVOLVIMENTO	19
2.1 CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS PRODUTIVAS	19
3 ELEMENTOS TEÓRICOS PARA PESQUISA	21
3.1 RELAÇÃO CAMPO CIDADE	21
3.2 CIRCUITOS ALIMENTARES DE PROXIMIDADE	23
3.3 COMPARAÇÕES ENTRE SISTEMAS PRODUTIVOS CONTEMPORÂNEOS	24
3.4 AGRICULTURA TRADICIONAL	26
3.5 AGRICULTURA MODERNA	28
3.6 AGRICULTURA ALTERNATIVA OU ORGÂNICA	31
3.6.1 AGRICULTURA ORGÂNICA	31
3.7 NORMATIZAÇÃO BRASILEIRA E CERTIFICAÇÃO	37
4 O GRUPO FLOR DO FRUTO : AS AGRICULTURAS E SUAS TRANSIÇÕES.	39
4.1 DO TRADICIONAL AO ORGÂNICO	39

4.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS PARA CADASTRO DOS AGRICULTORES NO OPAC E NO MAPA	41
4.3 AGENTES E FLUXOS DOS CIRCUITOS	42
4.4 CARTOGRAFIA DOS AGENTES E FLUXOS DOS CIRCUITOS	57
5 DISCUÇÃO DOS OBJETIVOS	62
6 CONCLUSÕES	63
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE – Questionário de reconhecimento dos agentes	68

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso buscou estudar a agricultura e os novos empreendimentos, no contexto da relação homem- espaço que pode demonstrar melhor as implicações da busca por ideais de produtividade, tecnologia e meio ambiente, observamos o agricultor que vive na proximidade de áreas urbanizadas, a proximidade geográfica e o reduzido número de atravessadores caracteriza os agentes do grupo estudado em um circuito de proximidade, mesmo tão próximo possui uma relação com o tempo e o espaço muito peculiar, não possui grandes extensões de terra, trabalha com cultivos variados, conforme a estação do ano, e busca uma retomada na relação com a agricultura como sua única fonte de renda.

A agricultura inicialmente pode parece um termo muito distante da realidade urbana e sua importância fica reduzida, principalmente porque maior parte das coisas que consumimos na área urbana já está pré-processada, a ponto de impressionar inclusive os pesquisadores a real procedência dos alimentos com alta perecibilidade que consumimos nos grandes centros, a falta de consciência do que consumimos com sua origem é tão grande que até se fez necessária a criação de propagandas nos veículos populares de comunicação correlacionando nossos itens diários com sua procedência agrícola, desta forma podemos afirmar sem dúvidas que a produção agrícola é fundamental para o abastecimento da qualidade de vida urbana e capitalista que vivemos hoje. E a agricultura familiar de proximidade, mesmo sem possuir grande extensão de terra apresenta resistência no contexto atual apoiada na legislação da agricultura familiar e ideais de sustentabilidade.

Historicamente as demandas variam e com isso todo o contexto social, jurídico e estrutural sofrem adaptações.

O cultivo de alimentos sem aditivos químicos obteve grande repercussão nos últimos anos abrindo portas para produtores rurais da proximidade na Grande Florianópolis, em especial no município de Biguaçu, em comercializar diretamente ou indiretamente sua produção no Centro Urbano. O que fortaleceu o circuito de proximidade e o ideal de produção orgânica certificada participativa, fatores fundamentais para

reafirmar o interesse do produtor rural em um cultivo mais equilibrado com o meio ambiente.

O crescimento deste mercado na região tem chamado a atenção de alguns pesquisadores para este ramo, alguns mais focados no sistema produtivo, outros na segurança alimentar que o mesmo pode promover, mas a relação do produtor com o espaço ainda é pouco abordada.

A relação do produtor com o espaço contempla a condição total da Geografia sem focar em apenas um dos seus componentes, pois as implicações sociais e físicas do espaço demonstram bem a realidade do estudo no grupo, nesta forma de produção, um estudo mais aprofundado em considerações históricas, jurídicas e fatores do ambiente física da região para compreender a atenção direcionada principalmente a agricultura familiar, como é o caso da Agricultura Orgânica e Agroecológica.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a expansão da agricultura orgânica com certificação participativa no município de Biguaçu.

1.1.2 Objetivos Específicos

1. Relacionar os fatores que determinaram a adesão a produção certificada;

2. Classificar os agentes envolvidos nos novos empreendimentos com certificação participativa;
3. Compreender as estratégias de mercado do grupo Flor do Fruto.
4. Representação cartográfica do circuito de proximidade.

1.2 METODOLOGIA

O estudo de caso segue o modelo teórico de caráter exploratório, de abordagem qualitativa. A obtenção dos dados descritivos que caracterizam a pesquisa qualitativa é feito por publicações recentes, e por contato direto da pesquisadora desde a origem do grupo com as situações estudadas. Os novos empreendimentos na agricultura orgânica do Grupo Flor do Fruto e seus agentes e sua iniciativa.

Como o acesso ao grupo era facilitado por conhecer alguns membros a mais de duas décadas, foram idealizadas algumas iniciativas de relação direta entre a pesquisadora e o grupo de estudo, para conhecer o grupo por completo, quem são os agentes, suas origens, quais alternativas buscaram para se estabelecerem e representação dos fluxos já abordados para escoar a produção até a atualidade e sua representação cartográfica.

A primeira iniciativa foi realizada logo no primeiro ano de formação do grupo com conversas direcionadas, tendo em vista a presença de produtores com dificuldades nas práticas de leitura e escrita, por questões previamente idealizadas, como a identificação pessoal que o agente teria de si mesmo, motivações para a adesão e perspectivas futuras.

Já, na segunda iniciativa corresponde a algumas visitas onde houve a participação em algumas práticas de preparação dos produtos que seriam comercializados como: auxílio na seleção e acondicionamento do açaí para envio a despulpadora, em Antônio Carlos, colheita e higienização de couve e ora-pro-nóbis, preparação e

embalagem do doce de banana e limpeza da cana de açúcar para produção do caldo de cana e excedente destinado a produção de melado.

A terceira iniciativa corresponde a vivencia de um mês , nas práticas de venda direta pois já conhecia o grupo a dois anos e meio, tanto em três feiras, que o grupo atua com regularidade e a entrega de compras realizadas pela internet. Prática que trouxe outras questões como: fornecer variedade onde os agentes possuem produções muito semelhantes e a dúvida recorrente dos consumidores a produção orgânica.

Na quarta iniciativa foram realizadas novas conversas, tendo em vista as alterações no grupo com a saída de alguns agentes e ingresso de novos membros, e também a dispersão das produções em novas localidades. Neste momento os novos membros não apresentaram a mesma acessibilidade e não quiseram apresentar alguns dados, inclusive o local exato da sua produção para uma visita, desta forma os nomes dos agentes foi substituído por letras.

QUADRO 1 – Identificação e localização dos agentes do grupo Flor do Fruto

AGENTE	ENDEREÇO	VENDA DIRETA (feira)	UTM
J	BIGUAÇU	NÃO	723147.28,6957788.58
X	BIGUAÇU	SIM	719737.62,6962771.38
E	BIGUAÇU	SIM	724888.42,6960102.43
A/F	BIGUAÇU	NÃO	723224.36,6957821.73
P	BIGUAÇU	NÃO	721770.03,6965388.72
Y	BIGUAÇU	SIM	723565.68,6958954.11
N	BIGUAÇU	SIM	725825.10,6966360.35
A	BIGUAÇU	NÃO	723209.76,6957771.66
G	SANTO AMARO	NÃO	Ñ disponível
B		NÃO	Ñ disponível
D	ANTONIO CARLOS	NÃO	Ñ disponível
R	SANTO AMARO	NÃO	Ñ disponível

Fonte: Pesquisa com entrevistas e visitas .

Dentre estes a nossa área de estudo corresponde aos municípios de Santo Amaro e Biguaçu, São José, Palhoça e Florianópolis, na região conurbada da área metropolitana de Florianópolis pois as estes municípios correspondem aos locais de venda dos produtos orgânicos mas também de produção nas áreas rurais dos municípios. Protagonizada por pequenos proprietários em uma região com um relevo dissecado nas encostas e muitas áreas com possível alagamento em regiões planas, normalmente utilizadas para pastagem e cultivo como o arroz e algumas verduras.

Segundo o Atlas de Desastres Naturais do Estado de Santa Catarina de 2014,pág - 06 , a posição da região de estudo permite a atuação de diversos sistemas atmosféricos, que permite uma grande amplitude térmica em um único dia , amanhecendo sob a influência de uma massa tropical com temperaturas elevadas , mas com a entrada de uma frente fria alterando as condições do tempo, estas oscilações mantém o ambiente muito suscetível as tempestades de intensidades variadas, granizo e pequenos deslizamentos pelo encharcamento do solo. Estas variações não parecem tão significativas quando o trabalho diário não é alterado pela presença da chuva ou intensidade do calor.

Siminski e Fanttini capud Bauer,2012, pág-28 argumentam que o Estado de Santa Catarina teria todas as condições para tornar as florestas nativas alvos permanentes de programas de desenvolvimento. O relevo acidentado e a estrutura fundiária baseada em pequenas propriedades são características que contribuem para a perda de competitividade dos agricultores familiares da região, que produzem principalmente culturas anuais. Por outro lado, o uso da terra com cobertura permanente do solo, como o manejo de formações florestais nativas, constitui alternativa para promover o bom desempenho ambiental dos proprietários.

3. ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A PESQUISA

3.1 - RELAÇÕES CAMPO X CIDADE

No campo é associado naturalmente a condições específicas tanto na estrutura de produção como instrumentos rudimentares e o trabalho familiar, população por área é significativamente reduzida, processamento de seus itens configuram uma fase da indústria muito artesanal, religiosidade com funções sociais muito fortes, e a interação entre os membros desta sociedade é muito familiar. Na cidade as vivências se assemelham por essência, mas as práticas e estruturas têm dimensões diferentes, o que define mais as características de cada área é a sua especialidade produtiva. Como Saquet em 2013, pág - 160 afirmou: “um só pode ser compreendido em sua relação com o outro, pois um está no outro, só vem a ser pelo outro, numa relação complementar, dialeticamente definida”. E ao crer no crescimento das áreas urbanas todo o abastecimento obteve outras condições de evoluir mantendo a condição dialética.

“As transformações produzidas nas comunidades rurais pelo processo de urbanização são marcadas pela proposição ou imposição, ao homem rústico, de certos traços de cultura material e não material.” Ao apresentar esta afirmação de Candido em 1971, Endlich nos revela em 2013, pág – 23, o que hoje é muito mais significativo, na próxima geração de agricultores, que possuem uma formação escolar mais avançada e por conta da proximidade com os centros urbanos e suas necessidades, possuem uma relação com o trabalho na terra e posses materiais diferente da relação que seus pais e avós possuíam. Esta nova geração que “retorna” com novos elementos e estruturas para retomar de alguma forma a relação com o seu espaço apresenta características dos dois lados, como uma graduação em ensino superior ou técnico e mantém laços com a reprodução de práticas adquiridas com a vivência diária e passadas de geração a geração.

Estatisticamente o Brasil é prioritariamente urbano conforme uma regra estabelecida no Estado Novo pelo Decreto- lei 311/38 onde toda sede de município é considerada urbana independente da densidade demográfica, mas as áreas centrais com comércio, serviços e indústrias em recenciamentos são áreas de baixa densidade demográfica, pois a referencia tomada é o domicílio, ou seja, é enumerada a população noturna.

Desta forma o que podemos observar até mesmo pelo fluxo que ocorre diariamente para as centralidades, é que além de oferecer muitas estruturas estas centralidades absorvem a mão de obra de um território muito maior. Este fluxo frequente corresponde também a alguns membros das famílias que aderem o modo de produção orgânico, pois estes pela sua proximidade buscam nas áreas centrais elementos complementares como qualquer cidadão com direito a saúde, educação e consumo.

Para Endlich em 2013, pág. – 19, urbano corresponde a um adjetivo associado a cidade, mas pode apresentar uma amplitude maior como um modo de vida desta forma não é restrita a um território podendo abranger a sociedade como um todo. Muitos elementos da área rural se enquadram neste conceito, principalmente se sua relação com a produção de alimentos estiver limitada a comercialização do mesmo.

Nas zonas de maior absorção das produções, meio urbano, a distinção dos produtos em circuitos superior e inferior como proposto por Milton Santos em 2001 demonstram um interdependência entre eles, principalmente ao promover as condições de acesso representadas pelo transporte, meios de comunicação e estruturas como os pontos de venda, pois normalmente os produtos do circuito inferior são caracterizados como produtos frescos e de baixo valor agregado e de baixa autonomia comercial.

A baixa autonomia comercial implica em fornecer para grandes comerciantes como lojas de produtos orgânicos ou supermercados, desta forma o agricultor trabalha pela quantidade, e técnicas para aumentar a produção em pequenas áreas são comuns inclusive no modo de produção orgânico, a dificuldade é entrar neste mercado, tendo em vista a quantidade de agricultores ofertando o mesmo produto.

3.2- CIRCUITOS ALIMENTARES DE PROXIMIDADE

A especialização da produção agrícola para satisfazer as necessidades presentes no séc. XX expandiu horizontes com novas tecnologias, introdução de agroquímicos, monoculturas, a agroindústria (alimentos pré-prontos) e transporte com refrigeração. Desta maneira os circuitos curtos perderam uma parcela significativa de seus consumidores, motivados pela praticidade agregada ao produto pré-pronto ofertado principalmente no meio urbano.

O circuito curto pode ser interpretado de duas formas, um vai valorizar a quantidade de atravessadores entre o produtor e o consumidor, já a outra significação remete ao espaço geográfico como um território representado pelos fluxos materiais com dimensionamento local ou regional, devido a quantidade discreta de matéria prima provenientes da agricultura familiar.

De acordo com Gelbeke, 2018, pág – 150 :

O fato é que, a proximidade dos produtores com o mercado consumidor, embora apresenta vantagens, não é suficiente para eliminar a presença de intermediários. Independente da natureza deles, eles tornam-se agentes quase indispensáveis nos circuitos que abastecem Florianópolis, e desempenham um papel importante no escoamento dos produtos, principalmente daqueles produtores mais isolados, que não dispõem de expertise de comércio, infraestruturas de transporte, ou mão de obra na propriedade para realizar sua própria comercialização.

Elemento também presente na pesquisa de Silva, 2015, pág-30 , mas nomeado de Centrais Próprias de Abastecimento, onde os produtos recebem processos como: higienização e embalagem, e impedindo a negociação direta do produtor com o mercado varejista.

Para promover um desenvolvimento local principalmente de alimentos ecológicos o ideal é uma reconexão entre os produtores e consumidores com o menor número de atravessadores possível, mas o que encontramos de modo recorrente é a relação produtor, consumidor de maneira pouco significativa, e os produtos em lojas de produtos naturais, feiras e alguns “supermercados”, sendo estes ultimo um grande representante do circuito longo de comercialização, mas há também novas estratégias como cestas entregues a domicílio com a compra feita pela internet ou telefone e a forma beneficiada como restaurantes de comida orgânica.

Com as feiras a melhor representante dos circuitos curtos, a ligação com o consumidor é maior, o lucro aumenta significativamente e o fato de trabalhar com um produto diferenciado diminui os riscos principalmente se o fornecimento não for exclusivo, mas o que está intrínseco ao comportamento do produtor rural é uma consciência de produção e não a de venda direta, sem contar no investimento de tempo, estrutura, transporte e capacitação e adequação as regras restritivas da vigilância sanitária.

E mesmo os produtores que possuem uma relação de fornecimento restritivo a supermercados de sua região obtiveram a constatação de sua força na ultima semana de maio de 2018, com o bloqueio promovido pela classe de caminhoneiros ocasionando assim o desabastecimento de muitos produtos, mas os supermercados que trabalhavam com a agricultura de proximidade apresentava aos seus clientes uma condição de racionamento de alguns produtos por cliente, mas o abastecimento segundo o administrador do grupo e proprietário da agroindústria, o comércio não foi interrompido ou apresentou falha por parte dos produtores.

3.3 - COMPARAÇÕES ENTRE OS SISTEMAS PRODUTIVOS CONTEMPORÂNEOS

As alterações dos sistemas produtivos é bastante evidente no passar dos anos, a forma com que cada agente se relacionava com o espaço demonstra que a intervenção em relação a preocupações ambientais vem como consequência aos atos previamente praticados, e

esta característica é repetida durante toda a existência de intervenções agrícolas como demonstra a revisão bibliográfica de Matos Filho em 2004, pág - 05, onde aponta a salinização do solo pela irrigação determinou o abandono de cidades sumérias em 1.700 a.C; ou a relação entre a erosão das colinas da Ática ao desmatamento para o uso de lenha e constituição de pastagens há cerca de 2.400 anos feito por Platão.

No Brasil os sistemas produtivos obtiveram um grande desenvolvimento, dando ao país a característica de agro exportador, mas já a algumas décadas ergueram-se alguns questionamentos de uso mais consciente de todos os recursos naturais.

Evoluir com a adesão de novas técnicas para suprir as demandas, não corresponde diretamente em abrir mão de toda e qualquer prática que temos o hábito de reproduzir, em casos extremos pode sim configurar uma perda de identidade quando negamos nosso conhecimento em detrimento a outro, mais popular ou mais rentável.

Ao aderir novas técnicas e ideais os agentes envolvidos criam muitas expectativas, em relação ao mercado e o possível retorno financeiro, principalmente por causa dos investimentos realizados para adequar-se aos padrões e leis que o regulamentam.

3.4 - A AGRICULTURA TRADICIONAL

Historicamente, em uma região de conflito a colonização deu-se efetivamente para manter a posse do território, um pouco diferente da realidade das zonas de exploração ao norte do país, algumas vezes a vinda dos colonos era promovida pelo governo e outras por empresas particulares, desta forma o ponto de estabelecimento inicial é definido, mas sua dispersão varia conforme a capacidade de adaptação e os recursos que o colono possuía.

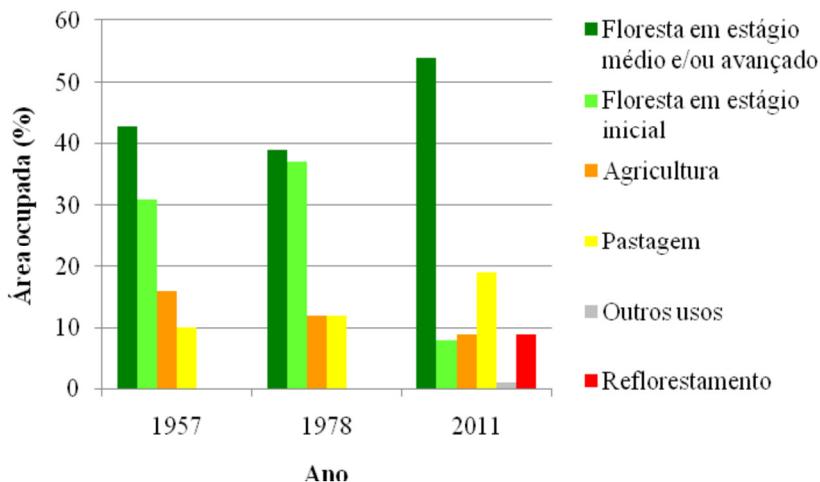
Os impactos ambientais advindos deste período de ocupação são citados por Fortes, como de baixa intensidade por causa da dispersão em que os eventos ocorriam, um fator relevante, é que o colono utilizava cultivos mais longos como o da mandioca preta para a

produção de farinha, que necessitava de dois anos para a maturação, ou seja, quando era feita a colheita a vegetação nativa também se restabelecia da queimada, e por muitas vezes o interesse de obter lenha para os engenhos plantava-se espécies que apresentavam um crescimento mais acelerado em meio à roça.

Ao descrever a realidade de 1949 observada na área rural da região Sul do Brasil, em especial Santa Catarina, Leo Waibel na pág.-30, descreve o colono independente da sua origem, com conhecimento passado pelos indígenas, produtos cultivados: como milho, feijão e mandioca e a forma de cultivo de rotação de terras, onde é feita a derrubada da vegetação nativa e é posto fogo, que era apontada como pouco duradoura, ou seja, nos primeiros anos de aplicação teriam um bom aproveitamento, mas ao longo do tempo a redução da produção é inevitável tendo em vista que colono não tem a cultura ou a quantidade disponível de estrume para fertilizar a terra.

Tendo em vista as necessidades de adaptação no cultivo tradicional que perdura, limitada por leis ambientais, registrada em entrevistas da pesquisa da Eliane Bauer,(2012, pág-64) para não perder toda a sua área produtiva os agricultores plantaram nas últimas décadas árvores exóticas onde deveriam deixar a vegetação nativa retornar, assim mantem a ideia de que estavam deixando a floresta se reestabelecer, mas optavam por garantir a fonte de renda, pois as espécies exóticas não possuíam restrições ambientais, mesmo em áreas de encostas. Assim como demonstra o gráfico da Figura 2 a floresta na região das encostas obteve boa recuperação.

Figura 2-. Evolução da paisagem na microbacia de São Mateus, Biguaçu/SC.



Fonte: Mapas de uso e cobertura da terra dos anos de 1957, 1978 e 2011.. (BAUER, 2012, pág-55)

Apontado pelos próprios agricultores na pesquisa de Bauer em 2012, as leis ambientais vieram com força e as novas gerações foram deslocadas para uma formação no meio urbano, algo que não possuía tradição entre os colonos, pois os mesmos não buscavam naturalmente padrões urbanos para agregar ao seu modo de vida, nem mesmo a relação com o grau de instrução, o padrão buscado pelo colono possuía características muito distintas, mas as restrições e vigilância intensa fizeram com a agricultura nas áreas de encosta reduzissem os que se mantiveram na agricultura o fizeram de modo bem restrito, por muitas

vezes sem o apoio dos mais jovens e mulheres da região que foram ofertar sua mão de obra como atendentes em comércio e serviços e as senhoras, até então agricultora e do lar, como empregadas domésticas para a complementação de renda.

Entre os fatores adversos a agricultura familiar, estão: ineficiência das políticas agrícolas voltadas para a agricultura familiar; a deficiência de infraestrutura física e social no meio rural; a reestruturação técnico-produtiva que aumentou a exclusão dos agricultores familiares; o aumento do perímetro urbano; bem como a tendência do sistema capitalista em expropriar os agricultores colocando-os a serviço do capital, ampliando assim a oferta de mão de obra e, conseqüentemente, o aumento da pobreza no campo. (Canselier,2013,126)

Sem ter muito que alterar em seu modo de produção por possuir terras que não contemplavam o ideal planejado para a mecanização, foram adicionando aos cultivos a fertilização química, mas a tração utilizada na colheita por muito tempo manteve-se essencialmente animal por conta da declividade e do clima que promove períodos bastante chuvosos na região desta forma a competitividade é bastante reduzida no passar dos anos e o que era a base do sustento familiar passa a ser uma renda alternativa. Como houve períodos de pausa completa nos cuidados com os bananais de encostas a vegetação nativa cresceu paralelamente ao cultivo e atualmente sobrepõe completamente o bananal.

3.5 A AGRICULTURA MODERNA

A adesão a Revolução Verde, nas décadas de 50 e 60, é um grande marco para a agricultura, as alterações visando à solução dos mais variados problemas agrários como pragas ou doenças em plantas ou animais controlados com a aplicação de produtos químicos. Sementes de plantas que produziram muito mais, na mesma área, e adubação química que deixaria qualquer solo adequado ao cultivo, técnicas de irrigação e todo um novo arsenal de equipamentos que pouparia a mão de obra até então exclusivamente familiar.

A agricultura moderna tornou-se tão desejável que atualmente é a maior responsável pela produção agropecuária mundial. Com foco na elevação constante das produções e consequentemente da renda obtida com as safras, mas a dependência dos insumos e o uso desenfreado de agrotóxicos criaram um impasse. Sua durabilidade é limitada pelas jazidas minerais para a obtenção de fósforo e potássio, macro elementos indispensáveis para as plantas e o uso exagerado de defensivos agrícolas, pondo em risco os consumidores, pôs em debate as novas alterações compatíveis com o futuro que almejamos.

No Estado de Santa Catarina as condições de desenvolvimento agrícola iniciaram-se no Governo de Celso Ramos (1961-1965) com o plano de metas do governo (PLAMEG I) gestado um ano antes quando o governador era presidente da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), condição que promove a compatibilidade ao modelo de desenvolvimento agrícola nacional entre 1965 e 1980 com financiamento e modernização através do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) que é caracterizado pela alta seletividade, as ordens quanto ao crédito eram: “cada escritório deverá trabalhar com quarenta agricultores selecionados para receber crédito... que devem ter mentalidade progressista, ser honestos, trabalhadores e gozar de boa saúde. (Mussoi, 2002, pág - 44).

O crédito rural oficial, de acordo com Hespanhol, 2008, pág- 82, é o principal instrumento utilizado para promover a modernização da agricultura, foi altamente seletivo, pois a sua oferta se restringiu aos médios e grandes produtores rurais. Os pequenos arrendatários, parceiros e meeiros, com reduzido ou nenhum patrimônio, não tiveram acesso a ele em razão de não disporem das garantias exigidas pelo sistema financeiro.

Com os incentivos nacionais para a modernização da agricultura a integração com o complexo agroindustrial tornou-se definitiva, dando a “agricultura familiar” um cunho de especialização em seus produtos e seus agentes potenciais consumidores do complexo industrial, estas modificações proporcionaram uma alteração na própria agricultura dando a esta uma condição de sub-setor do ramo industrial. Os produtores que não se adequaram ao processo produtivo - economicistas são marginalizados relativamente ao modelo hegemônico, este apresenta também algumas inadequações no âmbito ambiental pela intensa

degradação, sócio cultural pelo desinteresse aos conhecimentos adquiridos localmente.

O desprezo pelo conhecimento popular em detrimento ao conhecimento científico e tecnológico que veio como uma condição de modernidade, mas é tratado como um degradador cultural por causar uma erosão gradual nas condições de conhecimento tradicional histórico onde as adaptações de cultivo são intrínsecas aos locais.

Esta realidade se desenvolve com certa frequência por condições que são generalizadas por condições variáveis como a fraca politização dos agentes rurais ou a proposição de grandes demandas que necessitem do auxílio governamental, desta maneira as condições do saber entram com um potencial significativo, pois normalmente não se trata do efetivo, saber produzir, mas o saber vender suas necessidades propondo uma contrapartida. O cidadão de modo geral é mal informado mesmo vivendo em um contexto democrático não tem a cultura de intervir nas condições de gestão deixando este fator fundamental para a sua qualidade de vida nas mãos dos experts como agentes político ou agentes que apresentem engajamento no meio técnico-científico.

[...], a agricultura familiar assume uma posição ambígua: ela se tornou importante para o modelo geral como produtora de alimentos básicos baratos, reserva de mão de obra, consumidora de insumos industriais e geradora de um movimento econômico considerável; todavia, foi sendo gradativamente excluída dele. (Mussoi,2002, pág -26)

O esgotamento do padrão de financiamento da agricultura ocorre em 1980 em decorrência da crise fiscal do Estado, novos investimentos neste sentido ocorreram em 1996, com o estabelecimento do Plano Real e a instituição do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), atendendo produtores rurais com área não superior a quatro módulos fiscais, dando a estes o benefício de crédito com taxas de juros menores do que as vigentes para agricultores comerciais. O que para Hespanhol, 2008,pág- 92 não é o suficiente , o que se faz necessário é o estabelecimento de políticas públicas que propiciem o pleno acesso da população rural a serviços e bens de consumo.

3.6 A AGRICULTURA ALTERNATIVA OU ORGÂNICA

3.6.1 Agricultura Orgânica

O período de estabilidade econômica em meados dos anos noventa trouxe à agricultura familiar brasileira a possibilidade de cultivo e comercialização de produtos de qualidade diferenciada com o valor agregado da redução de agrotóxico. Este tipo de produção já era realizado no Brasil, mas focando exclusivamente a exportação, desta forma as diretrizes eram dadas pelas leis do mercado consumidor normalmente países Europeus, que a muitos anos já busca alterações no uso indiscriminado de defensivos agrícolas, devido aos males causados pelo consumo recorrente dos resíduos pela população.

A agricultura orgânica corresponde a os sistemas produtivos que se desenvolveram paralelamente a revolução verde espalhada por todo o globo adequando-se as realidades climáticas e aos tipos geomorfológicos, vendo na menor dependência de elementos externos a propriedade um fator relevante ao bom desenvolvimento e principalmente a permanência em uma condição mais estável . Este modo de produção se fortaleceu com os conceitos e princípios da agroecologia.

[...], se coloca a necessidade de instrumentos de avaliação, acompanhamento e controle, de gestão da atividade. Algumas medidas de controle, como normas de produção e comercialização, são fartamente difundidas através de escolas das diversas correntes de agricultura alternativa, entidades certificadoras e, mais recentemente, legislações específicas.(Matos Filho, 2004, pág-02)

A Agroecologia que é a referencia para os princípios utilizados na legislação brasileira de produtos orgânicos é baseada nos ideais de desenvolvimento sustentável.

O conceito de desenvolvimento sustentável surge com real representatividade em 1987, no trabalho realizado pela ex-ministra do Meio Ambiente e depois Primeira Ministra da Noruega Gro Harlem Brundtland intitulado “Nosso Futuro Comum” popularmente conhecido como: Relatório de *Brundtland*, resultado das discussões ambientais que se iniciaram no pós guerra; estudos promovidos pela Organização Nações Unidas (ONU) buscando identificar possibilidades para a questão do desenvolvimento aliada ao meio ambiente, a partir deste momento a definição de desenvolvimento sustentável passou a ser a nova diretriz ambiental, econômica para o progresso social, sem comprometer as necessidades futuras.

O ideal de desenvolvimento sustentável, alindo desenvolvimento econômico ao meio ambiente segundo Santos, (2004, pág-85) e começam a ser trabalhados com mais intensidade no Brasil à partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio 92), estruturando um mercado alternativo semelhante aos já existentes na Europa, onde o consumo de produtos orgânicos e agroecológicos são menos nocivos ao consumidor e ao meio ambiente.

Com uma legislação muito recente no território brasileiro, pois a mesma não permite produção de transgênicos, algo que é muito forte na produção de commodity no Brasil. Após a lei Nº 10831 de 23 de dezembro de 2003 inicia-se a regulamentação de todo o processo ao qual o agricultor deve se adequar, pois antes disso, todas as diretrizes de produção, embalagem e comercialização partia exclusivamente do mercado consumidor que o produtor pretendia direcionar sua produção, normalmente destinado à exportação.

Abreu explicita seus pressupostos alegando que:

É importante destacar que a Lei da Produção Orgânica Brasileira, n.º 10.831, conforme mencionado teve sua formulação baseada no conceito de Agroecologia, que destaca diversos elementos integrantes da noção conceitual, tais como: a integridade cultural das comunidades rurais, a equidade social, a valorização econômica das produções

familiares, além do respeito aos recursos naturais. Nesse sentido, sob o ponto de vista normativo, a noção de orgânico incorpora a de agroecológica e abrange um conjunto de estilos de agricultura: biodinâmica, orgânica, natural, permacultura, sistemas agroflorestais, regenerativo etc. e prevê três diferentes maneiras de garantir a qualidade dos seus produtos: a Certificação por Auditoria, os Sistemas Participativos de Garantia e o Controle Social para a Venda Direta sem Certificação; contrariamente ao Regulamento da Comunidade Européia (...) (Abreu, 2012, pág-152).

Ao aderir uma produção orgânica pode-se optar por fazer uma certificação paga, certificação participativa ou até mesmo direta (única que não exige certificadora). O grupo estudado aderiu o OPAC. Conforme a Instrução Normativa Nº 64, de 18 de Dezembro de 2008 .

VI - Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade - OPAC: é uma organização que assume a responsabilidade formal pelo conjunto de atividades desenvolvidas num Sistema Participativo de Garantia - SPG, constituindo na sua estrutura organizacional uma Comissão de Avaliação e um Conselho de Recursos, ambos compostos por representantes dos membros de cada SPG; (BRASIL, 2008).

O desenvolvimento das técnicas de produção orgânica , promovem o estabelecimento de um nicho de mercado de produtos in natura, com tendência de crescimento principalmente para produtos processados. Para a comercialização torna-se obrigatório o uso do selo que é concedido aos produtores certificados.

[...] sistema é o de base ecológica, o único capaz de harmonizar, definitivamente, o homem com a natureza e, por esta via, assegurar a vida no planeta de forma duradoura ou sustentável. (...) Trata da produção de alimentos, óleos e fibras chamados “limpos” porque

são obtidos por meio de processos ecologicamente corretos. (Olinger, 2006, pág- 71)

O objetivo comum no sistema de produção orgânico e a ciência agroecologia, a identificação de sistemas compatíveis a realidades regionais, com a combinação mínima de elementos pré-estabelecidos promovendo a sustentabilidade ambiental, econômica e social dos agentes e consumidores, faz com que muitos utilizem os termos como sinônimos, ao contrario de reconhecer sua complementaridade. Para evitar a reprodução deste erro e deixar mais claro algumas diferenças Abreus compôs o Quadro 1 .

QUADRO 2 – MODELOS DE AGRICULTURA ORGÂNICA (AO) E AGROECOLOGIA (AE)

	AO	AE
Paradigmas	Princípios da IFOAM - Paradigma ciências do solo	Conceitos científicos, da entomologia e da ecologia
Definição	Sistema geral de gestão agrícola e de produção de alimentos que combina as melhores práticas ambientais e um elevado nível de biodiversidade. < http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2007:189:0001:0023:ES:PDF >.	Estudo interdisciplinar e redesenho de sistemas agrícolas e agro alimentares
Princípios	IFOAM (2005) Equidade Saúde Ecologia Justiça	GLIESSMAN (1999) (i) baixa dependência de <i>inputs</i> externos; (ii) uso de recursos naturais renováveis; (iii) mínimo de impacto adverso ao meio ambiente; (iv) manutenção da capacidade produtiva; Diversidade biológica e cultural; (iv) conhecimento da população local; v) satisfação das necessidades humanas
Conceitos de referências	Sistemas de produção; cadeias de valores.	Agroecossistemas e soberania alimentar
Atores-chave	Produtores, consumidores, processos e certificadores.	Diversidade de produtores familiares e a relação com consumidores
Modelos de referências	Sistemas integrados de policultura e gado; horticultura periurbana; Biodinâmica, Orgânica, Ecológica	Sistemas tradicionais multiestratificados. Iniciativas de sistematização de experiências contemporâneas
Perspectiva de mudança	Focaliza a conversão dos produtores e suas redes profissionais de proximidade	Focaliza sobre os níveis de transição (ERS) e sua inserção em sistemas agroalimentares
Tecnologias	Uso de substâncias naturais e o não uso de transgênicos. Aceita se o uso de adubos químicos durante o período de conversão	Valorização dos ciclos de nutrientes, práticas de proteção vegetal e possibilidades de uso de adubos químicos durante o período de conversão
Biodiversidade	Impacto orientado (efeito das práticas sobre biodiversidade)	Recursos orientados (valorização da biodiversidade como fator da produção)
Alimentação	Qualidade dos produtos, saúde dos consumidores	Sistemas agroalimentares e soberania alimentar
Normas de produção	Regras de produção aceitas internacionalmente e nacionalmente	Sem padrão internacional, regras aceitas localmente
Certificação	Predomínio da Certificação por Terceira Parte (auditoria) atestada com selos	Sistemas de garantia participativos, vendas diretas com controle social

Fonte: ABREU, L. S. *et al*, 2012, *pág-145*.

Segundo o dados divulgados em 2012 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e o Observatório da Indústria dos Agrotóxicos da Universidade Federal do Paraná sobre a safra nacional 2010/2011 foram utilizados 936 toneladas de defensivos agrícolas, mantendo a marca de maior mercado consumidor do mundo ultrapassando inclusive os Estados Unidos, o crescimento não é relacionado a aumento de área plantada, mas de quantidade aplicada por hectare que passou de 10,5 litros em 2002 para 12 litros em 2011.

O reflexo disso é a contaminação de alimentos analisados pela Anvisa, contaminação acima do aceitável ou resíduos de agrotóxico não autorizados para consumo, além da contaminação do solo e da água das plantações. O consumo de alimentos contendo resíduos de agrotóxicos, a médio e longo prazo, pode levar a problemas hepáticos (cirroses) e oftalmológicos, distúrbios do sistema nervoso central, do sistema reprodutivo, câncer e efeitos mutagênicos e teratogênicos. (SANTOS, 2004, pág-82)

Em Warmling (2014), vamos encontrar o seguinte esclarecimento: A relevância de uma forma produtiva mais consciente ganha força em 2012 no Rio de Janeiro com o Congresso Mundial de Nutrição, onde ocorre a divulgação do Dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva – ABRASCO, denominado “*Um Alerta sobre os Impactos dos Agrotóxicos na Saúde*”.

Os relatórios divulgados do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos (PARA) encorajam os consumidores à compra de alimentos agroecológicos, uma vez que o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial do consumo de agrotóxicos. (Warmling ,2014, pág- 31)

No Brasil as práticas vigentes visam a grande produção para o mercado de exportação, mesmo em condições de produção orgânica, já existem os grande produtores fazendo a substituição dos defensivos químicos por fitossanitários, para satisfazer o grande mercado que trabalha com quantidade, competir com este grupo de produtores é historicamente algo insustentável, já que a produção da agricultura familiar é limitada pelas pequenas propriedades e normalmente direcionada a demanda a ser saciada em regiões mais próximas aos centros urbanos que apresentam uma qualidade de vida mais elevada.

3.7 NORMATIZAÇÃO BRASILEIRA E CERTIFICAÇÃO

Com a Instrução Normativa nº 007 em 1999, impulsionou o interesse nas certificadoras internacionais. Em Santa Catarina no ano de 2003 já atuavam os organismos certificadores: Ecovida, A Orgânica, Fundagro, Biocert, Ecocert Brasil.

É importante observar que os escritórios dos organismos certificadores (OCs) internacionais no Brasil são constituídos por pessoas jurídicas nacionais e são conduzidos, majoritariamente, por profissionais brasileiros. (Medaets,2005, pág- 28)

Segundo o site do Ministério da Agricultura e Pecuária, o Codex Alimentarius que corresponde a um fórum internacional de normatização do comércio de alimentos, criado em 1963, estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), por ato da Organização para a Agricultura e Alimentação (FAO) e Organização Mundial de Saúde (OMS).

Foram estabelecidas as diretrizes de desenvolvimento que a legislação e as regulamentações correspondentes a agricultura orgânica deveriam seguir, o comitê brasileiro é composto por órgãos reguladores, ministérios e associações; estabelecendo assim a LEI Nº 10.831, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2003:

[...] Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais,

biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente. [...]

[...]O conceito de sistema orgânico de produção agropecuária e industrial abrange os denominados: ecológico, biodinâmico, natural, regenerativo, biológico, agroecológicos, permacultura e outros que atendam os princípios estabelecidos por esta Lei . [...]"(BRASIL, 2003).

A criação e desenvolvimento deste novo modo de produção assim com em períodos passados vem sendo regulamentado e apoiado pelo Estado com políticas e profissionais capacitados. Desta forma todos os condicionantes que a agricultura familiar já traz como o conhecimento que passa de pai para filho a gerações e os incentivos fiscais correlacionados a produção em pequena escala tornam-se atrativos consideráveis para uma crescente adesão.

Seguir estes critérios simplesmente não promove o acesso para uma comercialização em áreas variadas como vender seu produto em feiras, mas, também, para supermercados, lojas, restaurantes, hotéis, indústrias e internet é imprescindível a certificação que pode ser feito individualmente mas o custo é de R\$3.000,00 anuais e em sistema participativo de garantia (associações) tem um custo anual de R\$100,00. E a supervisão é coletiva, onde é exigida a presença em reuniões periódicas além de visitas de checagem nos procedimentos com enfoque especial a não utilização de defensivos agrícolas industrializados.

“No Brasil usam-se “Selos de Qualidade” (selo de certificação) juntamente à marca específica de cada produtor para indicar a concordância com as diretrizes, que são atestadas por certificadoras credenciadas junto ao Colegiado Nacional para a Produção Orgânica (CNPOrg).” (SANTOS E MONTEIRO,2004, pág- 82)

4 O GRUPO FLOR DO FRUTO: A AGRICULTURA E SUAS TRANSIÇÕES

4.1 – DO TRADICIONAL AO ORGÂNICO

As transições correspondem a alterações discretas dentro do próprio sistema, desta forma para assumir integralmente uma nova prática é comum pensarmos em novas ferramentas.

Pode-se dizer que a evolução interna dos sistemas técnicos é caracterizada por uma busca de coerência entre suas peças, isto é, seus elementos materiais e sociais. Cada período é desse modo marcado por uma espécie de coerção, que permite enxergar nele um conjunto técnico autorregulado (Santos; 2006; p-115).

Estas novas ferramentas ou técnicas autorreguladoras podem ser internas a propriedade rural exigindo uma infraestrutura como galpões, silos, áreas que cumpram padrões de higiene sanitária já exigida pelo mercado consumidor e este mercado é que definem todas as demandas. Um padrão que para manter o mínimo de competitividade estabelece nomenclaturas de especialidade como colonial, orgânica ou geograficamente vinculada. Para a adesão é necessário investimentos e subsídios, o investimento já pressupõe que o agente possua recursos próprios para tal, mas o que acontece com muita frequência é a necessidade de recorrer aos subsídios por não possuírem capital para investir em novas safras, mesmo esta muito pequena, e em paralelo em novas infraestruturas.

Nas ferramentas externas não são focadas na produção em si, mas na condição de escoamento, como infraestruturas rodovias, ferroviárias ou hidroviárias, deixando claro que esta capacidade de escoamento deve estar relacionada a uma maior autonomia do produtor. A condição de não fragmentar o processo, ou seja, não depender totalmente de atravessadores pode possibilitar de permanência ou não na atividade agrícola.

Possuindo o acesso a venda direta de seus produtos, alguns produtores fazem algum beneficiamento de seus excedentes ou de produtos que não cumprem os padrões de comercialização in natura,

mas ao tentar comercializar o produto a fiscalização pede uma série de estruturas que promovem um selo correspondente.

“A informalidade como prática mercantil, portanto ainda é um traço marcante destas agroindústrias e permanece como importante estratégia de inserção nos mercados de proximidade. Aliás, em geral, esta é a forma inicial de inserção e construção dos mercados pelos agricultores. Praticamente todas as agroindústrias familiares rurais iniciaram suas atividades de maneira informal e, somente após ter seu mercado já construído, com uma demanda suficiente para viabilizar o empreendimento técnica e economicamente, é que fazem os investimentos necessários para se formalizar” (Ferrari; 2014)

Tendo em vista o envelhecimento da população rural, e a idealização por colocação dos jovens no meio urbano com outras profissões onde a expectativa econômica não é o fator mais relevante, mas sim as condições de trabalho, sociabilidade, posição social, autonomia e realização profissional. Os jovens que retornam com qualificação enfrentando as limitações relacionada a produção e todos os investimentos que são necessários, a comercialização com um perfil radial pois a dependência de um único ponto de venda torna o produtor refém do valor e principalmente da demanda que o mercado específico tem com a sua produção, isso pode causar uma safra inteira estagnada por ausência d

e alternativas, caso já vivenciado por alguns agricultores.

“Pra sobrepor as dificuldades, os agricultores desenvolvem rearranjos produtivos e organizacionais que viabilizam sua reprodução social. Evidenciada nos estudos contemporâneos, a pluriatividade é defendida como uma estratégia de reprodução. Graziano da Silva, Del Grossi e Campanhola (2002, p.54), classificaram como pluriativas “as famílias nas quais pelo menos um membro exerceu ocupação agrícola e outro, não- agrícola; ou, ainda, pelo menos um membro declarou dupla atividade”

A adesão a produção orgânica para os produtores tradicionais e suas pequenas propriedades, características da região da Grande

Florianópolis por apresentar um relevo muito irregular e a tradição do cultivo em encostas, que mesmo fazendo algumas adequações no período da Revolução Verde não obtiveram competitividade, mas também não abdicaram totalmente de suas atividades, mostrou uma possibilidade de recolocação comercial e social, não unicamente do indivíduo, mas de toda a família.

O sistema de transição é um esforço que deve ser multiplicado pelos pesquisadores agropecuários e pelos agentes de extensão rural, porque se trata de encontrar soluções aos problemas causados pela produção convencional, sem prejuízo para os aspectos econômicos e sociais e, ao mesmo tempo, conseguir as melhores soluções possíveis, com vistas à produção ecologicamente correta. (Olinger, 2006, pág – 71)

4.2 - PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS PARA CADASTRO DOS AGRICULTORES NO OPAC E NO MAPA.

Segundo o agente A e administrados do Grupo estudado, Flor do Fruto com boa parte de seus integrantes com produção em Biguaçu, existe uma série de normas a serem seguidas com regularidade pelos integrantes do grupo, além do processo produtivo descritos a seguir:

1. A Ata de adesão à Rede Ecovida, e as subseqüentes atas de reuniões regulares dos produtores, 40% de falta: não renova a certificação ou suspensão;
2. A realização do cadastro das unidades produtivas e agroindústrias;
3. A criação do plano de manejo e conversão da unidade de produção para o sistema de produção ecológico;
4. O Registro no caderno de campo para controle interno da produção e qualidade do produto orgânico;
5. Roteiro de visita de verificação e avaliação da conformidade orgânica, feita pelo comitê de verificação, normalmente complementando a função das reuniões.

6. Declaração de Conformidade Orgânica, o comunicado de uso do Selo Ecovida e a declaração de Transação Comercial;
7. Os novos grupos: iniciam participando de reuniões de núcleo mais próximo, Grupo é visitado por integrantes do núcleo, o registro fica no livro de ata da comissão de avaliação do núcleo;
8. O novo grupo deve: eleger dois de seus membros para representá-lo na comissão de avaliação do núcleo; (colocar na ata); Novos membros no grupo: preencher o cadastro e encaminhar ao coordenador da comissão de avaliação do núcleo (10 dias);
9. A organização administrativa do grupo é fundamental quando ocorre uma inspeção realizada pelos funcionários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

4.3 AGENTES E FLUXOS DOS CIRCUITOS

As transições na utilização dos modais é retratada por Fortes (2000, p- 1416) demarcando a navegabilidade do rio Biguaçu entre 1895 a 1916. Por possuir áreas planas menos alagadas a região que atualmente é Antônio Carlos é contemplada com uma infraestrutura rodoviária melhor e assim facilitando o escoamento da produção desta região.

A comercialização teve três grandes mudanças nesses últimos 100 anos. Primeiramente, no início da década de 30, a transição da modalidade de transporte marítimo para rodoviário, com a construção da Ponte Hercílio Luz. Depois, a construção da BR 101, no início da década de 70, gerou uma grande oferta de banana trazida do Vale do Ribéria-SP - local caracterizado pela produção convencional e utilização de agrotóxicos e fertilizantes químicos - que acarretou em um certo abandono dos bananais da região (conhecida na região como banana do mato) pela falta de competitividade, em função do preço ser muito baixo. (Brasil, 2013)

Atualmente são realizadas algumas obras de melhoria na malha viária da região o que beneficiou ou produtores e moradores da

região, a última intervenção iniciada é o contorno viário com promessa de ser finalizada até 2020, esta passará próximo a alguns produtores do Grupo flor do Fruto, abrindo assim a possibilidade de um fluxo mais facilitado, pois mesmo possuindo uma proximidade geográfica a qualidade das vias e o acesso a autonomia no transporte da produção, o produtor possuir e conduzir automóvel, definem a dependência ou não de um atravessador.

Na primeira iniciativa com o grupo ocorreu paralelamente a uma reunião em 2014, como nas figuras 3 e 4, esta responsável pela regulação da unidade onde são revistas as atividades e ações que o grupo esta engajado seguindo as diretrizes da rede certificadora, neste momento cogitava-se a inserção de atividades de venda direta ao consumidor com feiras, cedido um espaço a parte pela proprietária da casa, um a um foi realizada uma conversa dirigida por um questionário previamente (anexo 1) elaborado para o reconhecimento dos integrantes evitando assim constranger algum indivíduo que não possuísse facilidade nas práticas de leitura e escrita.

Foram realizadas oito conversas onde todos os representantes eram do sexo masculino, quatro destes integrantes declararam ser da agricultura tradicional, ou seja, possuem tradição na agricultura a mais de uma geração sendo a sua profissão de agricultor familiar.

Figura 3 e 4 - Reunião mensal do Grupo Flor do Fruto e Visita de Verificação a propriedade da família P.



Fonte: Acervo pessoal do agente A.

A Lei da Agricultura Familiar (Lei nº 11.326 de 2006) define como agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 módulos fiscais; II – utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.”

Alguns agricultores tinham também a característica de um produto como base, um tipo de especialização, a banana plantada em região de encosta de suas propriedades formando um sistema agroflorestal (SAF), pois os bananais correspondem a uma vegetação secundária em relação a floresta nativa, sendo esta apenas manejada por considerações de mínima incidência solar necessária a produção, inicialmente a banana era o único produto com certificação, mas estavam trabalhando para que toda a propriedade e seus produtos fossem contemplados com a característica de orgânico, este processo de transição total ou parcial da propriedade é comum aos produtores que pretendem aderir a produção orgânica tendo em vista as alterações das práticas e proteção da propriedade de intervenções externas, como o possível uso de defensivos por vizinhos não interfiram na produção. Neste período de adaptação que correspondem a cinco anos a produção ainda é vendida como cultivo tradicional, advindo da agricultura familiar exigindo destes produtores buscar formas de escoar sua produção de maneiras diversificadas como a projetos que dão preferência a agricultura familiar.

No Jornal Notícia do Dia o colunista Potter , do dia 05 de maio do ano de 2014, descreveu que: “ A distribuição da produção da banana orgânica de Biguaçu fica a cargo da Associação Banana do Mato . Desde 2012, o agricultor Luciano Zanghelini leva frutas e outros produtos das lavouras da região para o supermercado Hippo, que tem unidades em Florianópolis e Palhoça”

Para estes agricultores com práticas mais tradicionais e recursos modestos, apresentaram o interesse pela conversão inicialmente pelo aumento no valor do seu produto sem grande alteração no modo de produção, tendo uma possibilidade de ampliar para todos os seus cultivos, adequando a rotina a uma integração entre os produtores

reunidos em grupos conforme as diretrizes da certificadora no modo participativo. O que falta realmente em alguns locais é o retorno da população mais jovem, não somente as áreas rurais mas a relação com o trabalho agrícola desde a produção quanto as possíveis formas de comercialização.

O grupo em questão apresenta uma peculiaridade de transição de gerações, pois dentre os agentes com idade mais avançada a prática rural perdurou como fonte de renda, oscilando entre fonte principal e fonte paralela. Já os mais jovens, representada pelos filhos e herdeiros de terras e tradições mas também apresentam a característica de uma relação maior com o conhecimento acadêmico, por apresentarem principalmente formação em Administração e Agronomia, e regressarem gradativamente as práticas rurais, ampliando assim as formas de comercialização além de equilibrar as novas formas do sistema produtivo ao conhecimento passado por seus pais. Alguns obtiveram a facilidade de receber o conhecimento e também as terras de sua família.

Na segunda iniciativa foram focadas em algumas práticas de preparação dos produtos que seriam comercializados como: auxílio na seleção e acondicionamento do açaí para envio a despoldadora Petri, em Antônio Carlos, preparação e embalagem do doce de banana e limpeza da cana de açúcar para produção do caldo de cana e excedente destinado a produção de melado. Devido ao mau tempo nos dias anteriores os produtores tiveram que recorrer ao auxílio de um vizinho que trabalha com tração animal para buscar a coleta de bananas encomendadas pois o micro trator não obteve êxito na subida da encosta ainda muito molhada e escorregadia, as encomendas são realizadas pela Agroindústria Extrato da Natureza Ind.Com. de Alimentos LTDA, através do aplicativo de telefone celular WhatsApp.

O trabalho com a tração animal é algo tradicional, como demonstram as figuras 5, 6 e 7, na região rural de Biguaçu, um conhecimento passado de pai para filho, não apenas na doma dos animais, que aprendem a trabalhar aos pares, mas toda a manutenção de um material sujeito as condições mais difíceis de serem enfrentadas, o carro de boi foi o único instrumento para retirar a produção das suas propriedades até 2013.

Figura 5, 6 e 7 – Tradição com Carro de Boi.



Fonte : Acervo pessoal agente X

As fotos apresentadas revelam o conhecimento desta rotina por três gerações iniciando com o patriarca já falecido e o agente da família X que manteve esta vivencia, mesmo em tempos de desigualdade com a sobrecarga de produções distantes e transmitiu a seu filho as praticas e adequações que precisou aderir para adequar-se ao mercado.

Os agentes que compõem o grupo de estudo Flor do Fruto, inicialmente localizados apenas na região rural de Biguaçu, possuem uma variedade em origem e atuação. Pois antes mesmo de sua integração alguns projetos e estudos já foram realizados na localidade, os que foram acompanhados por Engenheiros Agrônomos, e os estudos

das antigas produções realizadas nas encostas de Três Riachos, e neste identificando bananais com mais de 100 anos de plantio e manejo juntamente com a vegetação local, aliado a cultivos menores e sazonais, estes representam neste trabalho os agricultores tradicionais.

O projeto aliado a prefeitura de Biguaçu “ Incubadora pública de beneficiamento e processamento de alimentos com sustentabilidade através da agricultura familiar”, este projeto apresenta a população local a possibilidade de obter renda complementar de abril a junho com a coleta do açaí local, correspondendo a semente da palmeira Juçara típica da Mata Atlântica, como mostram as figuras 8 e 9, este movimento ocorre na tentativa de demonstrar que é possível extrair sem deixar de preservar a vegetação local tendo em vista que o corte da palmeira juçara para a retirada do palmito é proibida. A seleção das sementes verde da palmeira Juçara é realizada manualmente antes do envio a despolpa.

Figura 8 e 9 - A seleção das sementes verde da palmeira Juçara.



Fonte: Acervo da Pesquisa.

O estudo e projeto como estudo de melhorias possível no bananal representado na figura 10, obtiveram um êxito paralelo, com a adesão de alguns agricultores ao grupo Flor do Fruto tendo estes que alterar seu modo de produção para orgânico e com certificação participativa.

Alguns não aderiram ao grupo por dificuldades com a regularização das propriedades. E outros por já possuírem idade avançada o que caracteriza uma programação para a aposentadoria.

Figura 10 - Visita ao Bananal na propriedade do agente X.



Fonte: <<http://www.scrural.sc.gov.br/wpcontent/uploads/2014/04/bigua%C3%A7ubana.jpg>>.

Isso implica na incorporação de um regimento utilizado pelos membros da Rede Ecovida, um padrão da certificação participativa, apresentado pelo agente A em reunião, na propriedade da família X, em Biguaçu no dia 24/04/2014. Promovido pela Estação Experimental de Urussanga, Gerência Regional de Florianópolis e Escritório Municipal da Epagri, o espaço e faz parte de projeto de pesquisa apoiado pelo SC Rural.

Segundo Gelbcke em 2018 em análise de mercado, propõe que a institucionalização de um padrão a ser seguido inviabiliza o acesso direto dos produtores aos supermercados, passando sempre por uma unidade de processamento mínimo. Sem alguém executando esta função certamente o grupo não se estabeleceria, passando pela empresa do agente A: Agroindústria Extrato da Natureza Ind.Com. de Alimentos LTDA, mantendo relação direta com o Supermercado Hippo, o qual no início absorvia a produção de todos os integrantes, mas com o tempo e o crescimento da produção e a adesão de novos produtores tornam-se necessárias novas formas de escoar produção.

É neste momento que se inicia para alguns produtores uma relação direta com os consumidores, pois estes obtiveram através dos Engenheiros Agrônomos que ingressaram no grupo, a oportunidade de comercializar seus produtos na área central da capital do Estado de Santa Catarina com uma feira específica de produtos orgânicos. Inicialmente o espaço disponibilizado correspondia ao terminal de

ônibus parcialmente desativado, próximo a praça XV de novembro no centro histórico da cidade, mas apresentava pouca movimentação em relação à área comercial da cidade. Atualmente a posição destinada a esta comercialização é bem mais estratégica, entre o mercado público e a antiga alfândega com a área comercial da cidade.

“As novas possibilidades de inserção da agricultura familiar nos mercados agroalimentares com base em estratégias autônomas requerem uma ótica de “construção de mercados” adequada à realidade dos agentes econômicos de pequeno porte” (Maluf, 1999, 2004).

O conhecimento de mercado faz com que o agricultor resista as adversidades focando produções específicas aos mercados correspondentes, a diversificação na produção assim como diversificação na produção permite uma renda mais regular.

Na terceira iniciativa em abril de 2017, corresponde a vivencia nas práticas diária de venda direta (feiras), o auxílio e observação corresponde desde o horário de chegada com a montagem da feira, venda com conversa explicando com muita frequência o significado da palavra orgânico, degustação de alguns produtos para o cliente possuir uma relação maior com o produto, até o momento de limpeza e organização entre os produtores para retirar novamente todo o material da feira do espaço público, neste período eram realizadas três feiras, Centro de Florianópolis na figuras 11 e 12, Itacorubi(CCA/UFSC) , como apresenta m as figuras 13 e 14 e Centro (Entrada da FATMA) , conforme a figura 15.

A entrega em dois pontos de cestas o primeiro na sexta feira , no Estacionamento da Escola Autonomia e o segundo no sábado, no centro comunitário do bairro Sambaqui, compra realizadas pela internet onde uma lista de produtos e valores por peso é enviada por correio eletrônico (e-mail) e o consumidor retorna com as quantidades desejadas e as mesmas serão entregues no ponto e horário pré-determinado, exigindo que durante as feiras destes dias uma pessoa parasse suas tarefas de atendimento na feira e fosse fazer as entregas.

Figuras 11 e 12 - Feira de Orgânicos no Centro Florianópolis, realizada todos os sábados até as 14h.



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora

Figuras 13 e 14 - Feira de Orgânicos no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina em dias de sol é montada uma estrutura no estacionamento, já nos dias de chuva é utilizado um pátio coberto. Realizada todas as sextas.



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora

No vão de entrada da Fundação do Meio Ambiente no Centro de Florianópolis é concedido o espaço para a realização de uma feira de orgânicos, mas o espaço exigia um revezamento entre dois grupos o que não satisfazia plenamente nenhuma das partes, até o momento que o Grupo Flor do Fruto deixou o espaço em busca de outra freguesia. A feira é realizada as quartas feiras, conforme figura 11.

Figura 15 - Feira de orgânicos



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora

Foram concedidos mais dois pontos com infraestrutura para a realização de feira disponível aos produtores do Grupo Flor do Fruto, engajados na venda direta que correspondem aos Camelódromos de Campinas e de Palhoça, mas representou um período curto da atuação destes agentes.

Com um grupo de consumidores dos produtos orgânicos das feiras e cestas foram realizadas algumas visitas aos produtores que fornecem para estes consumidores e a Agroindústria Extrato da Natureza Ind.Com. de Alimentos LTDA que beneficia a produção destes e de outros produtores para a inserção dos produtos orgânicos em supermercados, conforme figuras 16, 17 e 18.

Figuras 16, 17 e 18 - visitas aos produtores que fornecem para estes consumidores e a Propriedade do agente X.



Fonte : Concedida do acervo do visitante e consumidor .

A primeira propriedade a ser visitada pertence a família X com cultivo permanentes em sistema agroflorestal o principais em: banana e cultivos em áreas com declividade menor com: mandioca , cana de açúcar, acerola e alguns cultivos menores. Possui venda através do supermercado, venda direta nas feiras realizada por seu filho e utiliza o apoio oferecido pelas prefeituras a agricultura familiar através do fornecimento a merenda escolar. Estes agentes fazem parte do grupo desde a sua origem, e a pesar de apresentarem um grande desconforto na venda direta de sua produção, algo que vem se modificando com o retorno do filho aos trabalhos agrícolas e o escoamento mais adequado a produção, pois os proprietários não tinham prática na direção de veículos ficando assim dependentes de atravessadores.

Com a pavimentação asfáltica até as proximidades da propriedade e o retorno do filho as práticas apresentaram uma dinâmica diferenciada onde toda a família voltou-se exclusivamente a produção e venda .

Figuras 19, 20 e 21 – Propriedade da arrendada pelos agentes E



Fonte: Concedida do acervo do visitante e consumidor .

A segunda propriedade visitada é arrendada por dois Engenheiros Agrônomos apresentam uma pequena produção, com mostram as figuras 19, 20 e 21 e necessitam comprar ou associar bancas a outros produtores para apresentar assim variedade na feira, mas dentro do grupo possuem uma função muito importante pois estes articulam os acessos de venda direta. Estes agentes aderiram ao grupo logo após sua formação, mas já conheciam a prática de produção orgânica com certificação paga muitas vezes paga pelo atravessador ou pelo próprio comprador garantindo assim uma fidelização do agente com a empresa que vai absorver a produção. Estas práticas foram observadas na propriedade da família G atualmente membro do grupo, mas sua

propriedade localiza-se em Vargem do Braço/ Santo Amaro da Imperatriz.

Figura 22,23,24,25,26e 27 - Propriedade da família Y



Fonte : Acervo da pesquisadora em visita com grupo de consumidores, e foto dos produtos concedida pela proprietária .

A terceira propriedade pertence a família Y, não possui grande dimensão, mas que garante com satisfação a produção de verdinhos, temperos e flores comestíveis, como apresentados nas figuras 22,23,24,25,26,e 27 , que eles vende tanto para supermercados ou diretamente nas feiras. Filho de agricultores serranos, e periodicamente vai a serra buscar produtos orgânicos tipicamente produzidos na região como maçã e pinhão no inverno para comercializar na feira, mas trabalhou boa parte de sua vida com outras funções . A agricultura

ainda não é a única renda do casal, que possui trabalhos paralelos para equilibrar o padrão de vida almejado. Estes agentes se estabeleceram no grupo desde a sua formação, e a medida que houve oportunidade de aderir o comércio direto (feira) estes agentes apresentaram um engajamento que tornou-se o diferencial para a sua permanência e aparente satisfação quando comparado ao período que fornecia ao Box de Orgânicos do CEASA (Centrais de Abastecimento do Brasil).

Figura 28,29,30,31,32,33,34,e 35 - Propriedade Agroindústria Extrato da Natureza Ind.Com. de Alimentos LTDA e cultivos do agente F.



Fonte : Acervo da pesquisadora em visita com grupo de consumidores, e foto dos produtos concedida pela funcionária da empresa , pois não foi possível observar a estrutura interna da empresa.

A última propriedade visitada corresponde a Agroindústria Extrato da Natureza Ind.Com. de Alimentos LTDA, como mostram as figuras do 28 ao 35, pertencente ao Administrador que fomentou a formação do grupo, na empresa são embaladas e distribuídas a produção

aos Supermercados Hippo e Mercado São Jorge, alguns produtos que cumprem as necessidades e expectativas de apresentação deste setor, seus fornecedores normalmente possuem certificação participativa. A empresa é o primeiro vínculo dos agricultores com a venda da sua produção orgânica para os supermercados, este é um ponto de conforto para os agricultores habituados a vender sua produção para atravessadores pois estes compram sempre em quantidades mais significativa. O agente A, proprietário da terra e da empresa, no grupo é apontado não somente como uma liderança que viabiliza a adesão fazendo a ponte com os supermercadistas, como também organiza e apresenta a parte administrativa requerida pela certificadora Rede Ecovida, aos outros membros e implementa junto a um agricultor as visitas obrigatórias as propriedades de outros grupos, tarefa que os outros membros do grupo não apresentam simpatia na realização desta tarefa.

Parte da propriedade é arrendada pelo agente F (antigo caseiro), que assume uma produção de alguns itens pouco desejado por outros produtores pela sensibilidade do produto como é o caso do mini alface, muito suscetível ao calor e umidade do solo controlada causando a obrigatoriedade de cultivo em estufa.

A propriedade vizinha a Agroindústria Extrato da Natureza pertence a família J, o proprietário é motivado pelo retorno as origens paternas também pela disponibilidade de terras da família mas como apresentado pelo produtor e sua esposa: “ Sem o acesso a Agroindústria apresentando a demanda o retorno não aconteceria”, mas deixou a profissão de motorista de caminhão para tornar-se produtor de alimentos orgânicos, fornece exclusivamente para o Mercado São Jorge com uma média de 20 tipos de vegetais, a propriedade é plana o que permite a adesão de técnicas modernas e uso de maquinário compatível.

A propriedade da família R em Santo Amaro com produção de verdinho, alface, rúcula e milho, já possuía certificação há 20 anos, inicialmente paga pela Empresa Beija Flor que intermediadora para a rede de Supermercados Angeloni, este produtor possui uma gama pequena de produtos que se estabeleceu assim conforme a necessidade do seu único comprador. Recentemente passou para a certificação participativa.

A propriedade da família G em Santo Amaro produz couve flor, brócolis e verдинhos, possui certificação paga desde 1997 pela Ecocert, com experiência e alterações em formas de venda e atualmente fornece somente para o Mercado São Jorge. Relatou perdas de até 10 mil reais por conta de condições climáticas adversas e recentemente passou para a certificação participativa.

Figura 36, 37 e 38 - Fotos do espaço de envase, despolpa e acondicionamento.



Fonte: Concedida pelos proprietários.

A empresa Sabor da Fruta Agroindústria e Comércio de Polpa de Frutas, conforme as figuras 36, 37 e 38, corresponde a propriedade do agente E do grupo, ele já trabalhava com os agricultores tradicionais com a despolpa de açaí, já atua no mercado desde 2005 mas vislumbrando um desejo da distribuidora a níveis de exportação já está se preparando para um mercado muito mais exigente, sua adesão ao grupo é recente o que ainda lhe dá a condição de transição. O empreendimento possui quatro funcionários além do casal de proprietários.

A propriedade do agente N em Biguaçu, faz parte do grupo desde a sua formação com a chamada de alguns produtores com bananais plantados há 150 anos nas encostas da região de Três Riachos, mas declarou que em alguns períodos do ano a sua produção (banana) o valor pago pela sua produção se equipara a produção tradicional mas a demanda se mantém reduzida, desta forma voltou a vender a banana orgânica como comum no CEASA pois desta forma conseguia escoar

totalmente sua produção, mas busca novas formas de inserção no mercado de orgânicos com o abastecimento de mercados menores onde não são exigidos os procedimentos que evitam a contaminação entre os produtos expostos.

Os últimos agentes citados não foram visitados, o contato com os mesmos se deu por uma conversa dirigida no final do ano de 2017 em um evento de confraternização do grupo e as tentativas de manter algum diálogo ocorreu por telefone e aplicativo de conversa onde alguns contribuíram enviando fotos de sua propriedade e produção. Mas os novos agentes evitaram conceder maiores detalhes, inclusive a sua localização.

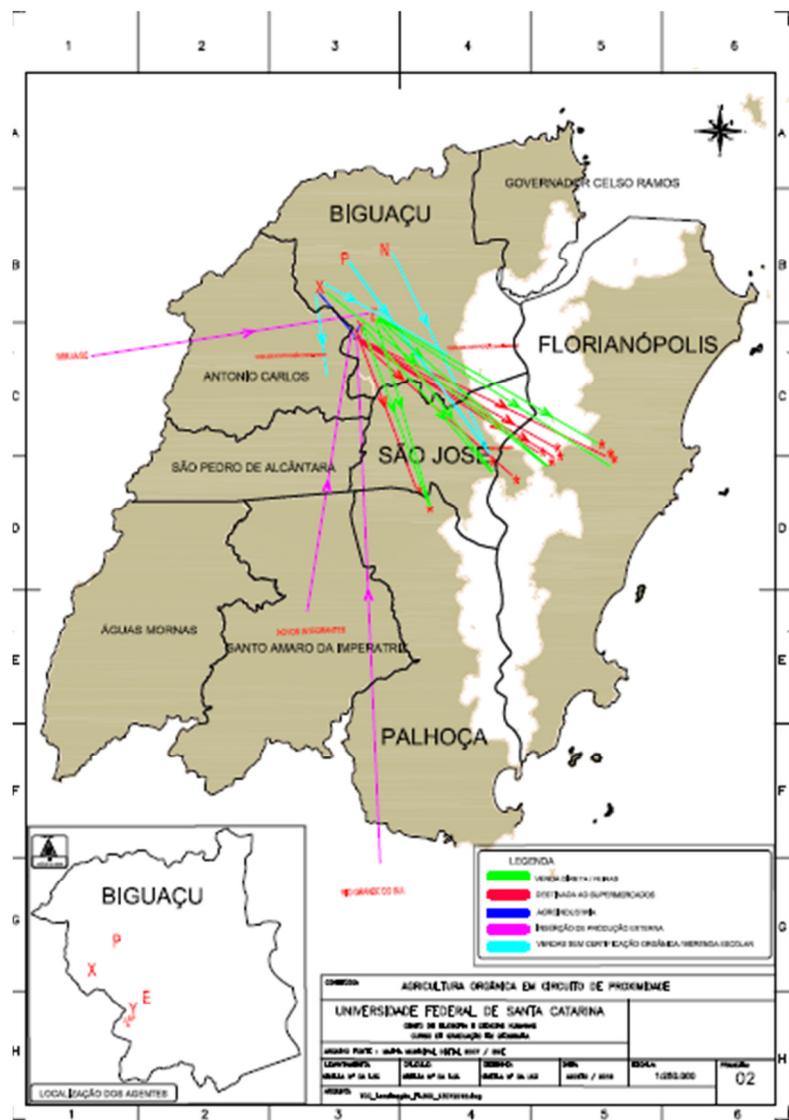
4.4 CARTOGRAFIA DOS AGENTES E FLUXOS DOS CIRCUITOS

Com o desenvolvimento da pesquisa as visitas as propriedades e os pontos de vendas foram coletadas as coordenadas geográficas, e aos pontos que não foram visitados alguns membros enviaram pelo aplicativo telefônico WhatsApp, sua localização. Desta forma foi possível mapear alguns dos seus integrantes e área de dispersão da produção. Sua localização foi encontrada no Google Earth para padronizar as referências e com o programa de computador para desenho ProgeCAD onde foi integrado o limite dos municípios disponível no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e inseridos os pontos correspondentes aos agentes do grupo e pontos de comercialização, e o fluxo do circuito representados por linhas.

Para identificar a área entre o continente e a Ilha de Santa Catarina, que faz parte do município de Florianópolis, foram inseridos os polígonos dos municípios disponível para download no site da Secretaria do Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDS) do Estado de Santa Catarina. Para inserir esta nova informação ao mapa existente foi utilizado o software ArcMap

Resultando nas figuras 39 e 40 , sendo que a figura 39 representa o circuito de proximidade e a figura 40 representa as várias tentativas de conquistar o público consumidor de produtos orgânicos.

Figura 39 – Mapa de Fluxo de produção



Fonte: Pesquisadora

Fonte: Pesquisadora

O que a pesquisa nos mostrou foi uma dificuldade na permanência deste mercado pois as técnicas exigidas já eram recorrentes entre eles mas o que não satisfaz completamente é no momento de escoar a produção, desta forma metade do grupo desistiu do grupo inicial, e os que permaneceram tiveram que se adaptar as condições comerciais que apareciam. Como o escoamento fracionado em diversas frentes pois o foco único não promove a satisfação almejada, e adequação frequente ao comércio nas feiras até obter uma estabilidade com o reconhecimento da produção orgânica em detrimento a produção em larga escala.

Atualmente a Prefeitura de Florianópolis alterou novamente a localização da feira de orgânicos aos sábados, o novo posicionando os agentes a partir de agosto de 2018 é em frente ao terminal integrado de ônibus no Centro, como mostram as imagens a seguir:

Figura 41- Feira da produção de orgânicos em frente ao terminal.



Fonte: Pesquisadora

Figura 42 e 43- Banca dos agentes na feira do Centro.



Fonte: Pesquisadora

5 – DISCUÇÃO DOS OBJETIVOS

Com o convívio e observação de cinco anos, desde a formação e adesão ao grupo de agricultores e comerciantes de produtos orgânicos foi levantada a questão de expansão do modo de produção orgânica e com certificação participativa no município de Biguaçu, pois o grupo inicialmente possuía a condição mais restrita ao território municipal. Esta expansão é veiculada como a representação de dados estatísticos pela presença crescente da oferta de produtos orgânicos em supermercados e o aumento de feiras de produtos orgânicos. O que de fato pode ser observado no grupo é a possibilidade de retornar as atividades agrícolas abrindo possibilidade para a geração seguinte tendo em vista o envolvimento de alguns filhos, mas exige uma habilidade além da produção.

Observado desde o início das entrevistas, os agricultores e comerciantes viam no modo de produção orgânico mais uma forma de escoar e conquistar uma parcela comercial deste mercado; o fato de não haver necessidade de muitas alterações no modo produtivo foram relevantes, mas as adequações estruturais e a “competição” entre os agentes do grupo para um escoamento mais satisfatório pois havia um rezeamento na entrega da produção, e assim parte excedente tinha que buscar outro mercado consumidor. Neste momento o ponto levantado por Maluf com estratégias autônomas é que representam a capacidade de permanência do agente com a relação de produção orgânica.

Quanto a uma classificação que foi idealizada sobre o grupo, podemos levar em consideração que os agentes que participavam do grupo em sua formação apresentavam características de agricultores familiares, mas todos possuíam um período de afastamento das atividades agrícolas, os fatores variáveis são: a permanente posse das terras ou também uma geração seguinte, ou seja, filhos de agricultores que iniciaram a sua vida financeira através da prestação de outros serviços, mas buscam atualmente uma retomada dos ideais familiares com a prática agrícola. Com esta realidade fluida promovendo uma dificuldade na padronização podemos considerar o fator etário como o diferencial em relação aos outros membros, e desta maneira podemos afirmar que 50% do grupo apresenta uma dedicação maior a produção agrícola e com características familiares, já os outros 50% correspondem

aos novos agricultores que se engajaram ao grupo com objetivos de se enquadrar neste filão em crescimento lento e contínuo.

Os agricultores que assumiram uma postura mais estratégica alternando as formas de escoar a produção e também os produtos ofertando obtiveram maior independência e conseqüentemente mantiveram-se no grupo, muitas alterações ocorreram no grupo durante os cinco anos de observação, inclusive a saída de metade dos integrantes e novos agentes aderiram ao grupo, agentes mais experientes com relação ao modo de produção orgânica, mas possuíam certificação paga além de agentes que ainda estão em transição do modo produtivo.

6- CONCLUSÃO

Concluimos após os cinco anos de convívio com o grupo Flor do Fruto, com seus agentes fundadores com áreas de produção em Biguaçu, que a adesão dos agentes ao sistema produtivo orgânico de alimentos, e entre as formas de certificação a escolha pela forma participativa evitou gastos, mas as mudanças na rotina de certificação e venda direta não são muito apreciadas .

Alguns agentes aderiram formas variadas de escoar a produção, sendo estes : venda direta , venda aos supermercados através da agroindústria e também para a merenda escolar , o que proporcionou crescimento e possibilidade de melhorias na qualidade de vida e nas estruturas produtivas. Melhorando não apenas a condição econômica mas também a condição de pertencimento do espaço rural.

Os circuitos de proximidade para este grupo trouxe a possibilidade de retorno às atividades agrícolas, para agricultores tradicionais e para os filhos destes agentes . Buscando sempre novas condições de expor sua produção para o consumidor em um modo geral.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. S. et al. **Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia, Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v.26, p.143-160, jul./dez.2012. Editora UFPR. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/963112/1/2013AP13.pdf>> . Acessado em 20/06/2016.

BAUER, Eliane. **Mudanças no uso da terra em Biguaçu-SC: agricultores em permanente processo de adaptação**. 2012. 94 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2012 Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PAGR0301-D.pdf>> Acessado em:26/03/2018.

BRASIL, Cícero Luís. **Biguaçu, em Santa Catarina, produz banana orgânica há quase dois séculos**. Postado em 03/01/2013 .Disponível em:<<https://www2.cead.ufv.br/espacoProdutor/scripts/verNoticia.php?codigo=1409&acao=exibir>> . Acessado em:12/07/2015.

BRASIL. **Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012**. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Diário Oficial da União, nº 162, 21 de agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/planapo>> Acessado em: 12/08/2016.

BRASIL. **Lei Nº 10831, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2003**. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências.. Diário Oficial da União de 24/12/2003 , Seção 1 , Página 8. . Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/legislação>> Acessado em: 12/08/2016.

BRASIL. **Instrução Normativa Nº 64, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2008**. Aprova o Regulamento Técnico para os Sistemas Orgânicos de

Produção Animal eVegetal.. Disponível em:
<<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br>> Acessado em: 12/08/2016.

CANCELIER, Janete Webler. **A agricultura familiar como agente produtor do espaço rural**, 2013. In: CAMPOS, Nazareno José de; BRANDT, Marlon; CANCELIER, Janete Webler.[organização]. O espaço rural de Santa Catarina: novos estudos. Florianópolis :Ed. da UFSC, c2013.208p ISBN 9788532806062 .

ENDLICH, Â. M. (2013). Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: A. M. Maria Encarnação Beltrão Sposito, Cidade e campo: relações entre urbano e rural (p. 248). São Paulo : Outras Expressões

FORTES, Edison. **Condicionantes histórico do processo de processo de degradação do ambiente natural na bacia hidrográfica do rio Biguaçu-SC**. Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brasil.2000. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/viewFile/3133/2255>>. Acessado em: 26/09/2017.

FERRARI,Divan Luiz. **Reciprocidade e trocas mercantis: a natureza das relações na feira livre**. Inovações na agricultura familiar: as cooperativas descentralizadas em Santa Catarina. Dimas de Oliveira Estevam e Luiz Carlos Mior. (Orgs.). Florianópolis: Insular. 2014. 129- 160p.

GELBCKE, Daniele Lima. Abastecimento de alimentos orgânicos em circuito de proximidade: o caso da Grande Florianópolis . Florianópolis, 2018. 183 f. Monografia (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia

MALUF, Renato S.. **Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais**. Disponível em:

<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewfile/2061/2443>.
Acessado em: 21/08/2016.

MEDAETS, Jean Pierre. **Produção orgânica: regulamentação nacional e internacional**/ Jean Pierre Medaets, Maria Fernanda de A. C. Fonseca. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário: NEAD, 2005. 104 p.; 23 cm. – (Estudos NEAD; 8).

MOREIRA, Roberto José. **Agricultura familiar: processos sociais e competitividade**. Rio de Janeiro: Mauad, c1999. 198p ISBN 8574780022.

NIEDERLE, Paulo A.; ALMEIDA, Luciano de. A nova arquitetura dos mercados para produtos orgânicos: o debate da convencionalização. In: NIEDERLE, Paulo A. et al. **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013. Disponível em: < http://www.agroecologia.org.br/files/2017/09/144174_politica-nacional_WEB.pdf> Acessado em:15/10/2017.

OLINGER, Glauco. **50 anos de extensão rural: breve histórico do serviço de extensão rural no Estado de Santa Catarina 1956 a 2006**. Florianópolis, Epagri, 2006, 72p.

Potter, H. Jornal Notícias do Dia, Economia / **Investimentos na qualidade**. –Florianópolis, 2014, p 14/15.

SANTOS, G. C.; MONTEIRO, M. **Sistema Orgânico de Produção Alimentos**. Departamento de Alimentos e Nutrição – Faculdade de Ciências Farmacêuticas – UNESP – 14801-902 – Araraquara – SP – Brasil, v.15, n.1, p.73-86, 2004. Disponível em: <https://ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2013/09/59-271-1-PB.pdf> . Acessado : 08/11/2015

SAQUET, Marcos A. (2013). **Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste paranaense**. In: A. M. Maria Encarnação Beltrão Sposito, Cidade e campo: relações entre urbano e rural (p. 248). São Paulo : Outras Expressões.

SAVIAN, Moisés. **Agricultura familiar e sucessão geracional em Ponte Alta – SC** [dissertação] / Moisés Savian; orientador, Nazareno José de Campos .- Florianópolis, SC, 2011.102p.: il. , Graf., tabs.

SECRETARIA EXECUTIVA ESTADUAL DE SC RURAL. **Dia de Campo sobre banana orgânica em Biguaçu** Publicado 30/04/2014. Disponível em: <<http://www.scrural.sc.gov.br/?p=4725>>. Acessado em: 14/11/2016.

SILVA, Clécio Azevedo da,. **A instituição dos circuitos de proximidade no sistema alimentar**. Florianópolis, 22p.Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS, Brasil. **Rev. Bras. de Agroecologia**. 5(2): 22-38 (2010)

SILVA, Bruno Jacobson da. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos orgânicos: emancipação socioeconômica na agricultura familiar?** / Bruno Jacobson da Silva: orientador, Oscar José Rover – Florianópolis, SC, 2015. 121p.

WAIBEL, L. (1949). Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia* , 305p.

WARMLING, Deise. **Sentidos sobre agroecologia: a produção, distribuição e consumo de alimentos agroecológicos no município de Florianópolis/SC**. / Deise Warmling; orientador, Rodrigo Otávio Moretti Pires; coorientador, Sheila Rubia Lindner. - Florianópolis, SC, 2014. 127 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129122/329919.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acessado em: 20/11/2016.

APÊNDICE –



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Pesquisa do Curso de Geografia na
Produção Orgânica Certificada de Biguaçu.

Informações Gerais

Nome do entrevistado:

Sexo: M() , F()

Idade:

Município:

Localidade:

Distância da sede(Km): ____

Contatos: fone:

celular:

e-mail:

Questões:

1- Certificação: orgânico () transição() Outros() _____.

2-A sua principal fonte de renda tem origem na produção orgânica? Sim() Não ()

3- Quais são os produtos orgânicos que você fornece? Há algum tipo de processamento?

4- Escolha qual o principal ponto positivo para a alteração do sistema produtivo?

Dá mais renda ()

Tem mais mercado ()

Saúde da família ()

Razões Ecológicas ()

Saúde do consumidor ()

Influência de outros ()

Outras razões () _____.

5- Você teve dificuldades na conversão do sistema tradicional de cultivo para o sistema de produção orgânico?

Sim () Não ()

Quais? _____

6- Houve facilitadores na conversão do sistema produtivo? Quais foram e de que forma contribuíram?

7- Destino da produção e canais de comercialização

Associação ()

Agroindústria ()

Supermercados ()

Atacadistas e distribuidor ()

Peq.(s) estabelecimentos ()

Direto ao consumidor –Feiras ()

Site especializado ()

Outros canais () _____.